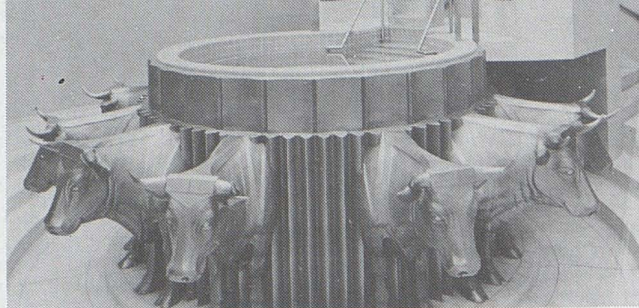




A ^{35/10} OUTUBRO 1982
Liahona



2

11

9

C1

GM

M205.5

L694PO

V. 35

1982

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:

M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":

M. Russel Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

EXECUTIVO DE A LIAHONA:

Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

OUTUBRO DE 1982
PBMA0482PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: **TEMPLOS E ORDENANÇAS DO TEMPLO**, Presidente Gordon B. Hinckley.
5. **PERGUNTAS & RESPOSTAS**, Robert J. Matthews.
9. **A PRIMARIA HOJE: UMA CONVERSA COM A PRESIDÊNCIA GERAL DA PRIMARIA**.
11. **O CALOR DE UM BATISMO NO INVERNO**, Hildegard Hahl.
14. **BÊNÇÃOS DO SACERDÓCIO**, Dennis L. Lythgoe.
20. **"AMAS-ME MAIS DO QUE ESTES?"**, Celestia Whitehead.
23. **ASSUMIR E DEFENDER**, Élder James E. Faust.
29. **MINHA TRANSFERÊNCIA PARA O ENTENDIMENTO**, Paul James Toscano...
33. **"EM QUALQUER PARTE MENOS"**, Mario G. Echeverri.
35. **HOJE**, Élder Derek A. Cuthbert.

SEÇÃO INFANTIL

- I - DE UM AMIGO PARA OUTRO: Élder Angel Abrea, Joleen Meredith.
- IV - HAROLD B. LEE, 1899-1973.
- VI - BRINCANDO COM ANÊMONAS, Sherwood B. Idso.

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Inauguração da Capela da Tijuca
- II Criação do Distrito de Belém
- III A Estaca Santos Brasil Promove III Semana da Educação
- IV Portugal: Pátria Mãe
- VI "O Dia da Mulher"
- VII Microfilmagem
- VIII Livro de Mórmon em Polônês
- X Como Preparar-se para Cumprir Missão
- X Por Que Vou para a Missão
- XI A Surpresa
- XII Meu Testemunho
- XIII Primeiro Filho de Ex-Missionário em Missão
- XIII Um Testemunho Ouvindo o Profeta
- XIV Um Jovem Qualificado no Escotismo e no Evangelho
- XVI Como Visitar e Incentivar Espiritualmente o Doente

Legenda da capa: Presidência Geral da Primária. A esquerda: Irmã Virgínia B. Cannon, 1.ª conselheira; no centro: Irmã Dwan J. Young, presidente; à direita: Irmã Michaelene P. Grassli, segunda conselheira. (Fotografia de Don Busath). Última capa: Um grupo de crianças da Primária. (Fotografia de Wallace Casteo Ler.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 400,00**; para o exterior, simples: **US\$ 5,00**; aérea, **US\$ 10,00**. Preço de exemplar avulso em nossa agência: **Cr\$ 40,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Editora MM Ltda. - Rua Bueno de Andrade, 481 - Fone 279-5195. Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

TEMPLOS E ORDENANÇAS DO TEMPLO

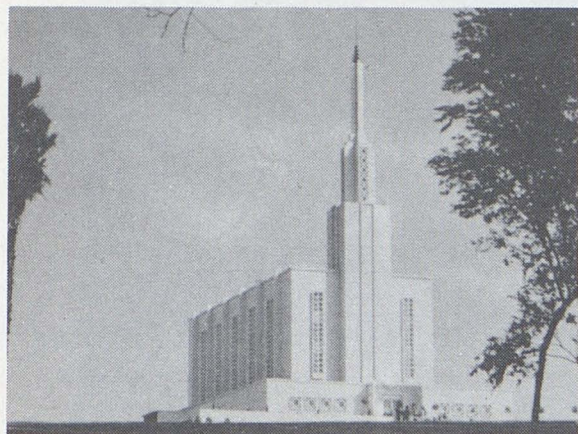
Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

Os templos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são expressão positiva, a todo o mundo, da fé demonstrada por milhões de santos dos últimos dias na imortalidade da alma. Toda atividade desenvolvida dentro desses edifícios sagrados baseia-se na premissa de que todos os seres mortais que viveram na terra são na verdade imortais. Para os que freqüentam essas sagradas casas do Senhor,

isto é mais que uma crença, é uma questão de forte e inabalável convicção pessoal.

As somas imensas gastas na construção e manutenção dos templos de nada valeriam sem essa convicção, tampouco as inúmeras horas de serviço prestado dentro de suas paredes.

Obviamente, outros também crêem na imortalidade da alma. Todo cristão que aceita a ressurreição do Salvador como fato tem de acredi-



*Templo da Nova Zelândia
(alto),
e Templo de Manti, Utah
(à direita).*



tar nela. Igualmente, muitos não-cristãos pregam a eternidade da vida. Desde o princípio dos tempos, a morte vem sendo o grande mistério da raça humana. Homens e mulheres de todas as épocas ponderaram em seu coração a pergunta feita por Jó: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14.) A pergunta é respondida pelos ensinamentos do Salvador e seus profetas, cujas afirmações a respeito da vida eterna fulgem como o sol a

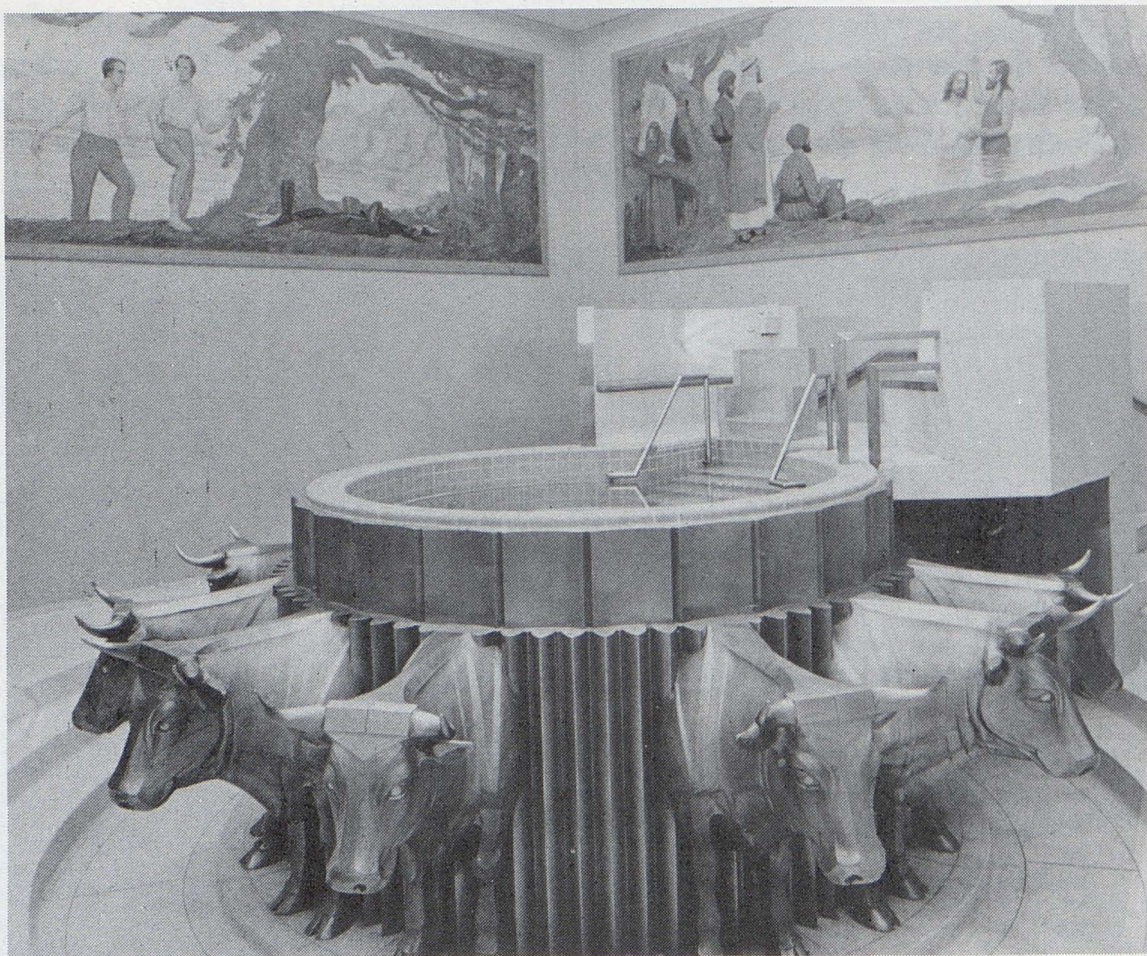
pino. As palavras do Salvador à pesarosa Marta tornaram-se um pilar de fé para os crentes:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

"E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá." (João 11:25-26.)

As palavras de Paulo testificam igualmente através dos séculos a redenção divina:

Pia batismal, Templo de Idaho Falls, Idaho.



“Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” (I Cor. 15:22.)

Em verdade, a salvação foi proporcionada a toda humanidade pelo Filho de Deus, o qual deu a vida para que todos pudessem viver. Além da ressurreição, porém, existe uma meta — a exaltação no reino do Pai — e que só se alcança pela obediência aos mandamentos de Deus. Essa obediência começa com nossa aceitação dele como nosso Pai Eterno e de seu filho como nosso Redentor vivente. Envolve nossa participação em várias ordenanças, todas elas importantes e necessárias. A primeira delas é o batismo por imersão na água, sem o qual, segundo o Salvador, nenhum homem pode entrar no reino de Deus. Segue-se, obrigatoriamente, o nascimento do Espírito, o dom do Espírito Santo. Depois, no decorrer dos anos, vêm sucessivamente, para os homens a ordenação ao sacerdócio, seguida das bênçãos do templo para homens e mulheres, desde que dignos de nele entrar. Estas bênçãos do templo incluem os lavamentos e unções para que estejamos limpos perante o Senhor; incluem as instruções nas quais recebemos uma investidura ou endowment de obrigações e bênçãos que nos motivam a conduzir-nos de acordo com os princípios do evangelho; incluem ordenanças seladoras que ligam nos céus o que está ligado na terra, possibilitando a perpetuação da família. São experiências maravilhosas para os que delas participam em seu próprio favor.

Elas são únicas, porém, entre todas as ordenanças religiosas, por terem conseqüências *eternas*.

O templo é a casa de Deus e portanto eterno. Foi ele quem exigiu a construção de casas especiais para a administração dessas ordenanças eternas. Não existe um substituto válido para elas em toda a face da terra.

Mas tudo isso se tornaria uma coisa apenas limitada e exclusiva se tais bênçãos fossem restritas ao número relativamente reduzido de pessoas elegíveis a entrar no templo, entre os bilhões de filhos de nosso Pai que passaram pela terra. Impedido por seu grande amor a seus filhos e filhas, nosso Pai providenciou um meio de todas as pessoas vivas ou que já viveram terem oportunidade de aceitar e beneficiar-se dessas ordenanças do templo.

Essa oportunidade de todos aceitarem e beneficiarem-se com as ordenanças do templo é o encargo e bênção da grande obra vicária que se realiza nas casas do Senhor. Que maravilhoso e extraordinário os vivos poderem administrar as bênçãos das ordenanças terrenas em favor dos que morreram sem oportunidade de ouvir e aceitar o evangelho. No outro lado não existe nenhuma compulsão para que aqueles por quem realizamos as ordenanças vicariamente as aceitem. Todavia, o Autor do plano impôs-nos a obrigação de dar essa oportunidade aos que já partiram desta vida. A obra

assim feita é extraordinária e singular — é uma obra de amor, executada e oferecida de livre vontade.

Contemplando os milhões de santos dos últimos dias que servem nos templos do Senhor como representantes dos mortos, maravilho-me e dou graças ao Onipotente por nos ter proporcionado um meio de abençoar todos os seus filhos e por nos dar a fé necessária para prestar esse serviço de abnegação.

Os que prestam esse maravilhoso serviço não esperam nem recebem agradecimento. É verdade que tem havido manifestações além-véu a mortais. São, porém, exceção. Os que servem nos templos não esperam tais manifestações. Agindo pela fé e pelo conhecimento e convicção proveniente do poder do Espírito Santo, eles trabalham coletivamente dia após dia, ano após ano. Qualquer outro tipo de serviço que consigo imaginar implica alguma recompensa, alguma compensação pelo serviço prestado. Embora possa haver certa expectativa de gratidão futura, em outra esfera, da parte dos beneficiários desse serviço, tal expectativa não é motivação suficiente para homens e mulheres dedicados servirem horas e horas na casa do Senhor.

Pensai na maravilha dessa obra! Aproxima-se mais do espírito de Cristo que deu sua vida por todos os homens que qualquer outro serviço que consigo imaginar. A motivação para essas ordenanças nos

templos é a própria essência da abnegação. Se existe atitude mais necessária neste mundo do que essa, não posso imaginar qual seja.

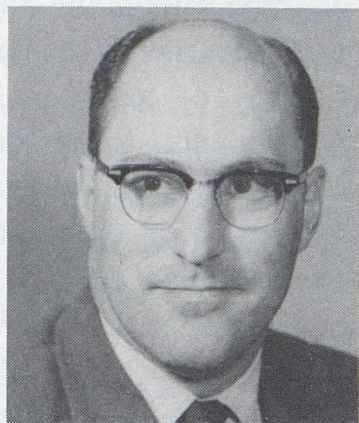
Contudo, conforme acontece com toda obra do Senhor, ela traz bênçãos temporais e eternas. Com muita razão diz o Senhor a respeito de todos que servem com amor e dedicação em sua obra: “Quem procurar salvar sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” (*Versão Joseph Smith* - Mateus 10:39.)

Sugestões para os Mestres Familiares

1. Conte uma experiência pessoal sobre as bênçãos das ordenanças do templo. Peça aos familiares que compartilhem experiências ou sentimentos semelhantes.
2. O artigo contém passagens das escrituras ou outras citações que a família poderia ler em voz alta e em seguida debater?
3. De que forma as ordenanças realizadas na Casa do Senhor afetam a possibilidade de exaltação dos filhos do Pai Celeste?
4. Em que sentido a “motivação para essa obra nos templos é a própria essência da abnegação”?
5. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da casa, antes da visita?

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



*Robert J. Matthews,
presidente do Departamento
de Escrituras Antigas,
Universidade Brigham Young.*

P. Existe grande desigualdade entre as pessoas, tanto em riqueza como em talento. O Senhor compensará essa desigualdade?

As pessoas deste mundo diferem em grande escala, muitas vezes acidentalmente, parece — algumas têm dotes intelectuais, personalidade agradável, recursos, instrução ou beleza física, enquanto que outras nascem em extrema pobreza, com deficiências físicas, pouca inteligência ou outras “desvantagens”.

A causa específica de alguém nascer nesta ou naquela condição, ou ter mais “vantagens” que outra, não tem explicação. Simplesmente não sabemos o suficiente sobre todas as variáveis. Contudo, podemos valer-nos de certos princípios básicos, eternos, que dizem respeito a todos, indistintamente.

Primeiro, somos muito afortunados, como membros da Igreja, em ter acesso igual à “pérola de grande valor”, o evangelho. O Apóstolo Paulo trocava a “perda de todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”. (Filip. 3:8.) O que realmente importa é a pessoa ter ou não o evangelho de Jesus Cristo. A diferença entre riqueza e pobreza nas coisas

terrenas é desprezível se comparada à diferença de ter ou não as bênçãos do evangelho.

Segundo, o evangelho nos ensina que a mortalidade não é o princípio de nossa existência. Todo homem é um filho espiritual literal e inteligente de pais celestes; todos nós fomos indivíduos únicos, pensantes, estudiosos, agentes e reagentes antes de virmos para este mundo mortal.

Nossa vida pré-terrena decididamente tem algo a ver com certos atributos pessoais nossos e, para alguns, tem alguma relação com suas oportunidades religiosas. (Ver Alma 13:2-11; Abraão 3:22-23.)

Terceiro, aparentemente nascemos na época e condições determinadas por Deus. (Ver Atos 17:24-27; Deuteronômio 32:7-8.) A respeito de cujo propósito, Néfi observou: “Ele (o Senhor) nada faz que não seja em benefício do mundo.” (2 Néfi 26:24.) Ao homem não é dado conhecer todos os julgamentos de Deus (D&C 29:30), mas podemos estar certos de que ele julga em santidade, retidão, justiça e misericórdia. Não nos devemos esquecer da gran-

de verdade encontrada na resposta do Senhor a Joseph Smith quando orava na Cadeia de Liberty: “Saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.” (D&C 122:7.) Quando encaradas como parte da eternidade, nossas condições terrenas provavelmente significam muito pouco além de seu propósito primordial de obter um corpo físico, ampliar nossa alma e capacitar-nos a, futuramente, comparar as condições da mortalidade, longe da presença de Deus, com as condições da vida pré-mortal e da vida pós-morte, onde os padrões de Deus são seguidos mais estritamente.

Um quarto princípio fundamental é não invejar outros por sua vida aparentemente mais fácil. O que pode parecer vantagens, tal como riqueza, fama, influência ou vida mansa, talvez seja dura provação. Se não devidamente controladas, essas coisas podem levar à morte espiritual. Por outro lado, pobreza, tribulações e vida difícil podem na verdade ser bênçãos para quem as sofre sem querer. No momento atual é primordialmente uma questão de fé e confiança, e tal situação não é

necessariamente má. Viver pela fé e adiar conclusões definitivas a respeito de certos problemas da vida ajuda-nos a adquirir humildade, maturidade espiritual e paciência. Consta que Abraão Lincoln (16.º presidente dos Estados Unidos) dizia que o que *sabia* a respeito de Deus levava-o a confiar nele em todas as coisas que *não* sabia.

Quinto, o evangelho nos ensina que a vida terrena é uma prova — um período probatório. Numa fase probatória, as dificuldades são coisa normal. O progresso é resultado da superação dessas dificuldades. O Senhor dá fraquezas ao homem para que seja humilde (ver Êter 12:27), e também para que todas as coisas contribuam juntamente para o bem dos que amam a Deus e guardam seus mandamentos (ver Romanos 8:28). Nossa situação na vida pode muito bem ser parte da provação mortal.

Alguns acreditam erradamente que todos os infortúnios e/ou prazeres vêm diretamente de Deus e que, portanto, é o único responsável pela condição do homem, além de

que todas as dificuldades são consequência direta e imediata da transgressão. Infelizmente, até mesmo alguns membros da Igreja tendem a crer nisso. Quantas vezes ouvimos alguém dizer: “O que fiz eu para merecer isso?” O Salvador, entretanto, ensina que aflições e sofrimentos não são necessariamente punição de Deus por pecados. (Ver Lucas 13:1-5; João 9:2-3,34.) E o Profeta Joseph Smith afirma ser um “princípio injusto” presumir que uma pessoa seja inícuasimplesmente por ser vítima de doença ou morte. (*Ensina-mentos do Profeta Joseph Smith*, seção IV, p. 158.)

O caso de Jó mostra que o Senhor permite provações que chegam à perda de amigos e propriedades. Mas isto não é necessariamente punição de pecados pois, como no exemplo de Jó, foi dado como *experiência*. José também venceu grandes obstáculos no Egito, tornando-se uma pessoa melhor em virtude deles. Se a pessoa encara a experiência pelo devido prisma, sofrimento e provações podem amadurecer a alma humana. Tais coisas podem exercer uma influência refinadora, sendo que esse refinamento ou experiência são uma

espécie de *compensação* pelos problemas encontrados na mortalidade. Esse amadurecimento espiritual traz benefícios não apenas nesta vida como igualmente na eternidade.

Finalmente, vejamos o que disse Malaquias ao observar os problemas existentes entre o povo de sua época:

“Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos?”

“Ora pois, nós reputamos por bem-aventurados os soberbos; também os que cometem impiedade se edificam; sim, eles tentam ao Senhor, e escapam.

“Então aqueles que temem ao Senhor falam cada um com o seu companheiro; e o Senhor atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele, para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome.

“E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei serão para mim particular tesouro;

poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve.

“Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que o não serve.” (Malaquias 3:14-18.)

Malaquias, pois, deixa claro que as aparentes injustiças desta vida serão futuramente compensadas por Deus.

Uma coisa é certa: a consideração mais importante não é tanto o que somos (rico, pobre, popular, impopular), mas antes *como reagimos* a essa situação. Como nos sentimos a respeito e o que fazemos para remediá-la é mais importante que a situação em si. Em consequência da existência mortal pela qual obtemos um corpo físico, enfrentamos dificuldades e ganhamos experiência, o que nos ajuda a progredir rumo à vida eterna. Conforme diz Paulo, os problemas desta vida mortal não são nada comparados com a glória que nos será revelada no além. (Ver Romanos 8:16-18.) Ter maturidade espiritual bastante para poder participar dessa alegria será, sem dúvida, compensação mais que suficiente.

A PRIMÁRIA HOJE



De uma conversa com a presidência geral da Primária: irmã Dwan J. Young, presidente; irmã Virginia B. Cannon, primeira conselheira; e irmã Michaele P. Grassli, segunda conselheira.

Editor: Tendo servido como presidência geral da Primária há mais de dois anos e meio, o que aprenderam nesse tempo a respeito da organização?

Irmã Young: Aprendi que todas as crianças pelo mundo afora têm mais semelhanças que diferenças. Suas necessidades, seus desejos e vontade de aprender são idênticos. E onde quer que eu vá, impressiona-me a capacidade e potencial das crianças.

Irmã Cannon: As líderes que conhecemos apresentam igualmente essa mesma vontade de aprender. Algumas são novas na Igreja, faltando-lhes treinamento e conhecimento — porém, mostram-se ansiosas e

dispostas a aprender como ajudar as crianças.

Irmã Grassli: Fico também impressionada pela preocupação das líderes com as crianças sujeitas a influências externas muito mais fortes que antes. A Primária tem uma tradição de líderes e professoras preocupadas e dedicadas.

Editor: Irmã Young, em que consiste o propósito da Primária?

Irmã Young: O propósito da Primária é ensinar a nossas crianças o evangelho de Jesus Cristo através de instrução religiosa e participação em atividades.

Editor: Em sua opinião, esta meta está sendo alcançada?

Irmã Young: Eu diria que quanto à primeira parte, o ensino do evangelho, geralmente sim. Precisamos incentivar as líderes e professoras da Primária a se empenharem mais nas atividades. Afinal, é fazendo que a

criança aprende a aplicar o que aprendeu durante a aula.

Por exemplo, na reunião dominical da Primária temos o "Tempo de Compartilhar" no qual as classes podem fazer apresentações para o restante da Primária. Esperamos que pelo menos metade desse período seja reservado para apresentações de classe, por meio das quais as crianças ensinam às outras o que aprenderam.

Irmã Grassli: Participando do dia de atividades, programado quatro vezes ao ano, as crianças podem aprender a aplicar vários aspectos do evangelho. Essas atividades podem ser qualquer coisa desde uma demonstração de aptidão física ressaltando o valor da Palavra de Sabedoria à aprendizagem do dar de si por meio de projetos de serviço.

Editor: Como os pais podem ajudar os filhos na Primária?

Irmã Young: Eu sugiro que quando a família chega em casa depois das reuniões de domingo, os pais conversem em particular com cada criança e perguntem: "Do que vocês falaram na aula da Primária hoje?" Se meu filho voltasse sempre para casa sem ter aprendido nada aparentemente, eu conversaria com sua professora e também com a presidente da Primária a fim de verificar o que está acontecendo em sua classe. Como pai ou mãe, me certificaria de que está sendo apresentada uma lição e que meu filho tem oportunidade de participar.

Irmã Cannon: Penso que uma das melhores coisas que podemos fazer por nossos filhos é reforçar em casa o que estão aprendendo na Primária.

Quando o que aprendem na Igreja e em casa se complementa, as crianças são espiritualmente fortalecidas.

Editor: Agora que a Igreja vem adotando o novo esquema de reuniões dominicais há quase três anos, as professoras da Primária já se reconciliaram com o fato de não poder participar da Sociedade de Socorro, Escola Dominical e sacerdócio?

Irmã Grassli: A maioria sim. Temos visto professoras descobrirem sozinhas que servindo na Primária não só recebem bênçãos pelo serviço prestado, como são igualmente abençoadas com progresso espiritual.

Irmã Cannon: Lecionar na Primária é um serviço tão importante que, se as professoras conseguirem captar a importância do que estão fazendo, deixarão de preocupar-se com o que possivelmente estejam perdendo.

Irmã Young: Gostaríamos de dizer às irmãs que servem na Primária: Esperamos que freqüentem as reuniões de economia doméstica realizadas em dias úteis, esperamos que sirvam como professoras visitantes, que prestem serviço de solidariedade e cumpram suas designações para o templo; no domingo, porém, seu encargo é a Primária e é exatamente onde devem estar.

Há anos, portadores do Sacerdócio de Melquisedeque vêm perdendo as reuniões do seu quorum a fim de ensinar o Sacerdócio Aarônico, e presumo que apreciam esse tempo e oportunidade de prestar serviço aos jovens e orientar seu desenvolvimento espiritual. A Primária fornece oportunidade de servir tanto a irmãs como aos portadores do sacerdócio.



O CALOR DE UM BATISMO NO INVERNO

Ilustrado por Keith Christensen

Hildegard Hahl



Meus pais pesquisaram a Igreja durante a I Guerra Mundial, na Alemanha, ainda que na época não houvesse missionários no país. Mamãe soube do evangelho por intermédio de uma prima, mais velha que eu, e que fora repudiada pela família por ter-se filiado à Igreja. Papai permitiu que mamãe fosse às reuniões comigo e meu irmão, mas ele próprio não queria nada com a Igreja. Então um colega de trabalho falou-lhe da Igreja e deu-lhe um Livro de Mórmon. Papai leu o livro, estudou o evangelho e passou a freqüentar a Igreja conosco.

Quando o presidente do ramo sugeriu que mamãe se batizasse, ela respondeu-lhe que ela e nós, crianças, estávamos prontos, mas queria esperar o marido. Papai afirmou estar pronto também. Mas mamãe o contestou dizendo que ainda fumava. Papai partiu o cachimbo em três pedaços e jogou no fogo. Sendo joalheiro e relojoeiro, estava acostumado a trabalhar numa mesa alta fumando um longo cachimbo que chegava ao chão. Assim, na verdade não foi nada fácil largar de fumar.

Como na época os batismos eram ilegais, combinamos encontrar-nos com outros santos, à noite, num terminal de bonde, para os batismos no rio. No dia marcado, voltei da esco-

la tão indisposta que não consegui jantar. Na hora de sair sentia-me pior ainda, a ponto de mamãe sugerir que me batizasse mais tarde. Mas eu queria batizar-me no mesmo dia. Andamos de bonde cerca de uma hora até as proximidades do Rio Chemnitz, a seguir atravessamos o parque até o rio.

*Voltamos para
o terminal de bonde
cantando hinos de louvor
ao Pai Celeste.*

Quando descemos do bonde eu estava tão mal que quase não conseguia falar ou andar. Papai e alguns outros irmãos me carregaram, revezando-se. Chegando ao parque, encontramos um policial de guarda, porém sentado contra uma árvore, dormindo. Arame farpado fechava o caminho que conduzia ao rio, mas os irmãos o afastaram enquanto nós passávamos por baixo. Encontramos o rio coberto de gelo; depois de os irmãos quebrarem a camada de gelo, perguntaram-me se eu ainda queria batizar-me naquela noite. Já era por

volta de meia-noite. Fiz que sim com a cabeça pois ainda não podia falar. Fui a primeira de onze pessoas, três crianças e oito adultos, a ser batizada. Deve ter sido o impacto da água gelada que me fez sentir como que se me livrassem de grossa casca, ao ser imergida. Consegui subir a margem sozinha, já restabelecida. Mãe e algumas irmãs ajudaram-me a enxugar e vestir. Em seguida, fiquei sentada numa pequena cadeira dobrável para a confirmação.

Terminados os batismos, voltamos pelo mesmo caminho estreito, vencemos a cerca de arame farpado e passamos pelo policial ainda adormecido. Uma enorme e brilhante lua cheia iluminava a noite e voltamos para o terminal de bonde cantando hinos de louvor ao Pai Celeste.

Terminada a guerra, os missionários voltaram à Alemanha e um domingo um missionário novo, que não falava nossa língua, foi almoçar em casa. Meus pais falavam inglês, pois haviam passado quatro anos em Liverpool, Inglaterra. À noite, fomos todos à reunião sacramental, sendo que o novo élder foi convidado a falar. Lembro-me ainda como senti pena dele, pois não falava nada de alemão, nem tivera tempo para copiar um discurso de um dos élderes mais antigos.

Ele, porém, falou durante mais de uma hora. Recomendou aos santos que fossem para a América, pois haveria outra guerra muito pior do que aquela que acabávamos de passar. Foi terrível de se ouvir, com os recentes sofrimentos ainda vivos na memória. A caminho de casa, perguntei a papai em que idioma o missionário falara. Sabia que não fora alemão nem inglês, embora não soubesse inglês; ainda assim, eu havia entendido tudo que fora dito. Papai respondeu que nunca esquecesse aquela experiência porque provavelmente não se repetiria para mim. Aquele élder falara em línguas.

A partir daí, meus pais se puseram a fazer planos para emigrar para a América. Papai foi primeiro e mais ou menos um ano depois mandou buscar mãe, meu irmão e eu. A princípio negaram permissão a mãe de deixar o país devido a seus problemas cardíacos. Ela insistiu que eu e meu irmão partíssemos; seis meses mais tarde deram-lhe permissão de se juntar a nós.

Tudo o que aquele missionário predisse, aconteceu. Minha irmã que não aceitou o evangelho e continua vivendo na Alemanha, contou-nos a respeito dos acontecimentos, exatamente conforme o élder profetizara.

BÊNÇÃOS DO SACERDÓCIO

Dennis L. Lythgoe



Fotos de Eldon K. Linschoten e Jed A. Clark

Os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque têm o privilégio e autoridade de participar da bênção a enfermos. “Está alguém entre vós doente?” diz Tiago, “chame os presbíteros da igreja e orem sobre ele, unguendo-o com azeite em nome do Senhor.”

Além da autoridade, todavia, existe a grande necessidade de agir pela fé e inspiração. “E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará.” (Tiago 5:14-15.)

Fé, inspiração, autoridade — três coisas essenciais para dar uma bênção do sacerdócio.

Ouvi um apóstolo do século vinte, o Élder Matthew Cowley contar como abençoou na Nova Zelândia um bebê maori, a pedido do pai. Quando estava para iniciar a bênção, o pai disse: “Quando lhe der um nome, dê-lhe também visão. Ele nasceu cego.”

“Fiquei arrasado”, conta o Élder Cowley. “Eu estava duvidoso, mas sabia que aquele polinésio tinha em si a fé singela de uma criança, uma fé não obscurecida pela psicologia ou conhecimentos humanos, mas uma simples fé em Deus e nas promessas feitas através de seu Filho Jesus Cristo. Dei o nome à criança e finalmente arranjei coragem suficiente para abençoá-lo com visão.

“...Voltei a vê-lo poucos meses atrás. Está agora com seis ou sete anos, correndo por toda parte e com visão tão boa quanto a minha.”

Uma poderosa experiência em minha própria vida foi com uma irmã maori enquanto cumpria missão na Nova Zelândia. Gravemente doente, foi levada ao hospital para ser operada. Era duvidoso que sobrevivesse devido à idade avançada e peso excessivo.

Pedi-me que a abençoasse, dizendo: “Sei que ficarei boa se você me abençoar, élder!”

Senti a pesada responsabilidade e orei ao pé de sua cama antes de proferir a bênção. E através de mim ela recebeu uma bênção tal que surpreendeu a mim e meu companheiro — fiquei preocupado, temendo ter sido influenciado por meus próprios desejos. Segurando minha mão, ela agradeceu:

— Muito obrigada. Verei você no domingo que vem.

Não consegui acreditar. No entanto, a cirurgia foi um sucesso e sua recuperação total, e de fato ela *compareceu* à reunião de testemunho no domingo seguinte. Embora ainda fisicamente fraca, ela se pôs de pé e agradeceu eloqüentemente ao Senhor sua ajuda numa hora crítica.

Neste caso, sua fé foi o fator principal na bênção.

Todavia, é importante que nos lembremos de que, às vezes, os desejos do Senhor diferem dos nossos. Como seus agentes no desempenho dos deveres eclesiásticos, é preciso sermos receptivos à sua inspiração. Um missionário que conheço teve uma experiência solene ao dar uma bênção. Estava trabalhando na reforma de uma capela de ramo na Nova Zelândia. O presidente desse ramo, que consertava o telhado, perdeu o equilíbrio e caiu no pavimento inferior. O missionário correu para junto dele e proferiu uma poderosa bênção, prometendo-lhe total recuperação. Poucos minutos depois o presidente morria.

Profundamente acabrunhado, o missionário voltou para seu alojamento e escreveu três cartas — uma para o presidente da missão, uma para o bispo dele e a terceira para o presidente da Igreja. Nelas dava vazão a sua decepção com o sacerdócio e intenção de abandonar a missão. Depois foi dormir.

Preocupando-se, lutando e orando intermitentemente durante a noite, pouco a pouco entendeu que se fizera a vontade do Senhor — e que devia buscar seriamente inspiração e orientação do Senhor antes de qualquer administração.

Certa vez agi da mesma forma apressada. Minha esposa, Marti, começou a ter problemas já nas primeiras semanas de gestação. Na mesma hora dei-lhe uma bênção generosa, prometendo que sua saúde seria protegida e que o bebê viveria. Assim que terminei *percebi* que havia agido com imprudência e que o bebê estava morto.

Depois de jejuar e orar pedi a outro portador do sacerdócio que me ajudasse a dar-lhe uma segunda bênção. Dessa vez atentando bem para a orientação do Senhor, senti-me incapaz de prometer que o bebê viveria, mas sim que Marti teria outros filhos saudáveis. O bebê de fato não sobreviveu mas temos quatro outros filhos prometidos pela bênção. Embora na segunda bênção não dissesse o que desejava dizer, Marti e eu passamos a sentir a paz proveniente do Espírito consolador.

O Presidente Spencer W. Kimball explicou a relação entre seguir a vontade de Deus e a realização da ordenança de administração a enfermo: “O Senhor nos assegura que o enfermo será curado se a ordenança for realizada, se houver suficiente fé e se ele ‘não estiver designado para morrer’. (D&C 42:44-48.) Mas são três os fatores e todos precisam ser cumpridos. Muitos não se submetem à ordenança e um grande número

não quer ou é incapaz de exercer fé suficiente. O outro fator é igualmente importante: "Se não estiverem designados para morrer."

O Presidente Kimball declara ainda: "O poder do sacerdócio é ilimitado embora, sabiamente, Deus nos haja imposto certas limitações. Posso desenvolver poder no sacerdócio aperfeiçoando minha vida; ainda assim, sou grato por não poder curar todos os enfermos através do sacerdócio. Senão poderia curar pessoas que devem morrer, aliviar o sofrimento de pessoas que precisam sofrer. Temo que frustraria os propósitos de Deus."

É importante, pois, que ao sermos chamados para dar uma bênção do sacerdócio, o façamos não só com fé no poder de Deus mas igualmente com o humilde desejo de receber inspiração do Senhor e conhecer sua vontade, e a seguir, fazer sua vontade quando recebemos sua orientação.

Alguns portadores do sacerdócio que conheço, carecendo de experiência em assuntos espirituais ou não sabendo reconhecer a inspiração, furtam-se a dar bênçãos por medo de cometer enganos ou dizer coisas erradas. Outros fazem uma prece ao Pai Celeste em lugar de dar uma bênção pelo poder do sacerdócio. Contudo, é natural que se *ore* ao Pai

Celeste e *se receba inspiração* dele, pois ambos os aspectos são certamente elementos do processo de comunicação com nosso Pai, e assim imprescindíveis nas administrações e bênçãos do sacerdócio e ao intercâmbio de fé e inspiração.

É compreensível que às vezes nos sintamos despreparados para a tarefa. Mas se portamos o Sacerdócio de Melquisedeque e somos dignos, temos a responsabilidade de utilizá-lo. Entretanto, nosso primeiro cuidado deve ser buscar o auxílio do Senhor mediante humilde oração *antes* de dar a bênção.

Assim, falando estritamente, a administração aos enfermos que é uma ordenança do sacerdócio, difere em certos importantes aspectos da oração. É uma ordenança realizada pela autoridade do sacerdócio, que é o poder de agir em nome de Deus. Isto quer dizer que o Senhor nos permite *agir em seu lugar*, utilizando seu poder, quando inspirados a fazê-lo. A prece, sem dúvida, é um poderoso meio de comunicação com o Senhor, e pode realizar grandes milagres. Mas o Senhor nos permite abençoar os enfermos pelo poder do sacerdócio e garante pedidos apropriados com respeito ao uso dos poderes do sacerdócio. Esse uso amplia o círculo de administradores incluindo o Senhor, o qual prometeu: "On-

de estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” (Mateus 18:20.)

Como portadores do sacerdócio temos muitas oportunidades de administrar a enfermos. Podemos atender o chamado do presidente do quorum e passar uma noite num hospital dando bênçãos a enfermos; ou atender um membro da ala acometido de doença. Contudo, o lugar mais importante para usar o sacerdócio é no próprio lar. Nossa família tem frequentemente necessidades, tais como em caso de doença, nascimento, desânimo ou depressão, que podem resultar em bênçãos inspiradas.

Além dos casos de doença, os filhos necessitam de uma bênção quando preocupados com problemas como aceitação social, pressão do grupo, dificuldades nos estudos, divergências com um professor e muitos outros. Obtendo inspiração em favor dos filhos quando estes ainda são pequenos, o pai pode desenvolver um sentimento de confiança que os acompanhará sempre e manterá a família unida. O filho que se lembra da sincera preocupação espiritual do pai em momentos difíceis, está mais propenso a confiar nele a respeito de assuntos mais sérios. Os filhos também precisam da inspiração de uma bênção paterna antes de acontecimentos importantes como missão,



*Além dos casos de doença,
os filhos
necessitam de uma bênção
quando preocupados
com muitos problemas.*

serviço militar, ingresso no curso superior e casamento. (Nessas bênçãos de orientação e consolo não se usa óleo.)

Eu tive ocasião de abençoar meus filhos em circunstâncias traumáticas. Uma delas deu-se certa noite em que Darrin, nosso filho mais velho, sofria fortes dores de ouvido. Ele estivera gritando de dor, mas logo após a bênção, a dor foi aliviando e ele adormeceu, visivelmente exausto. Na manhã seguinte levamo-lo ao pediatra, que nos informou que durante a noite rompera-se o tímpano de Darrin, aliviando a pressão de grave infecção no ouvido. Ficamos assombrados pois sabíamos exatamente o momento em que aconteceu. Havendo razoável possibilidade de prejuízo permanente da audição, o médico aconselhou-nos a consultar um especialista depois de debelada a infecção.

Quando o levamos ao especialista semanas mais tarde, ficamos admirados que este não conseguia detectar problema algum no ouvido de Darrin. Informou-nos que o tímpano estava em perfeitas condições, sem nenhum sinal de rompimento. Foi uma experiência solene, poderosa que nos mostrou de forma inquestionável o poder do Senhor e a eficácia das bênçãos do sacerdócio.

O Senhor prometeu-nos que nossa “confiança se tornará forte na presença de Deus”. (D&C 121:45.) Com a inspirada confiança do Senhor, somos capazes de exercer a autoridade recebida de Deus e de encontrar oportunidades de utilizá-la de forma piedosa e positiva.

Conversemos a Respeito

Depois de ler “Bênçãos do Sacerdócio” individualmente ou em família, vocês poderiam debater algumas das questões a seguir durante uma hora de estudo do evangelho:

- 1. Que papel tem a oração nas administrações do sacerdócio? E a fé?*
- 2. Por que é importante “buscar seriamente inspiração e orientação do Senhor antes de qualquer administração”?*
- 3. Conhecem alguém que recebeu uma bênção de saúde do sacerdócio mas não se recuperou? O que as palavras do Presidente Kimball nos esclarecem a respeito disso?*
- 4. Já recebeu uma bênção de orientação e consolo? Como se sentiu na hora? Que experiências na sua família recomendariam uma bênção assim?*

"AMAS-ME MAIS DO QUE

Eu era uma jovem mãe com cinco filhos pequenos, abaixo de seis anos. Van, meu marido, acabara de terminar o primeiro ano da escola de Direito. Éramos uma família voltada ao evangelho e muito abençoada pelo Senhor; de fato, nossa vida matrimonial era virtualmente isenta de problemas mais sérios. Minha vida girava em torno de minha família; adorava ser esposa e mãe; no entanto, às vezes achava que minha vida era tão ocupada pelos trabalhos domésticos e coisas do dia-a-dia que me faltava intensidade espiritual. Apesar disso, eu não sabia o que fazer. Nós procurávamos externar gratidão pelas bênçãos recebidas, mas como reconhecer realmente até que ponto somos abençoados se não há oposição?

O ensinamento de Léhi a Jacó de que é preciso haver oposição em todas as coisas (2 Néfi 2:11-15), logo adquiriria um novo sentido em minha vida. Sei que é preciso haver oposição, sofrimento e adversidade para nos despertar para as coisas realmente valiosas na vida. Agora sei igualmente que uma das maiores lições da adversidade é aprender a aceitar a vontade de Deus e depender totalmente dele.

Fazia algum tempo eu vinha tendo vertigens, náuseas, perda de equilíbrio e outros sintomas assustadores. Eu ainda amamentava um bebê;

Van preparava-se para o exame final. Era um momento horrível para ficar doente, mas eu estava mal e tínhamos de tomar alguma providência. Depois de examinar meus ouvidos internos, o médico mandou-me consultar um neurologista, o qual imediatamente me internou no hospital para uma série de exames. Estes eram dolorosos, deixando-me com náuseas e intensas dores de cabeça. Eu ficava orando em busca de alívio e forças para suportar as dores, surpreendendo-me muitas vezes com a rapidez da resposta. Os médicos estavam à procura de um tumor, mas apesar de não ser perspectiva muito tranqüilizante, Van e eu acreditávamos ingenuamente que seria facilmente operável e logo eu estaria boa. Imagine como me senti quando certa manhã o neurologista entrou no quarto com ar grave e preocupado, e me informou que haviam de fato achado um tumor na base do cérebro. Era caso sério. Ao meu marido ele disse que o tumor era inoperável e provavelmente maligno. Ficamos arrasados. Nosso otimismo se foi. O futuro parecia negro. Fiquei pensando em todos os motivos por que não poderia morrer: Não podia abandonar Van — como iria arranjar-se sozinho? E meus filhinhos?

Muitos oravam por nós. Semanas mais tarde descobri e ainda me emociona pensar no fato, que mamãe

QUE ESTES?"

Celestia Whitehead

orava pedindo, se possível, ir em meu lugar se alguém devesse morrer. Que grande demonstração de amor! Nossa ala jejuou e orou, deixando-me profundamente comovida. Enquanto permanecia no hospital não fazia idéia de quanta gente maravilhosa se preocupava comigo.

Meu marido foi tomado de angústia. Não havia certamente remorsos, mas havíamos planejado envelhecer

juntos. Sempre fôramos muito unidos. Como seria possível arranjar-nos um sem o outro? Ele orava em busca de compreensão, paz mental e coragem para aceitar o inevitável.

Eu também orava buscando a atitude correta. No entanto, até que certa manhã abri a Bíblia ao acaso, esquecera-me das palavras do Senhor a Pedro que me tocaram profundamente: "Amas-me mais do que estes?" (João 21:15.) Pareceu-me que era a mim que ele fazia a pergunta. Eu de fato amava o Senhor acima de tudo, acima até mesmo da própria vida? Sim, falei ao Senhor. Sim, eu o amava acima de tudo.

*Eu ficava orando em busca de alívio e forças
para suportar as dores,
surpreendendo-me muitas vezes com a rapidez da resposta.*



Finalmente consegui dizer: "Seja feita a tua vontade" e fazê-lo com sinceridade. E quando o consegui, senti-me tomada de indescritível paz. Já não tinha medo. Quando chorava, era por causa de meus filhinhos. Como detestava pensar que seriam criados por outros! Nós, porém, éramos uma família eterna, selada no templo, e sem dúvida voltaríamos a viver juntos.

Durante esse período percebi claramente o verdadeiro sentido do tempo na terra. Mesmo que dure cem anos, é tão breve no cômputo eterno. Os que ficam na terra sentem falta do que parte. Ainda assim, deveriam preencher sua vida com coisas proveitosas e continuar crescendo. Quem morre estará muito ocupado no mundo espiritual.

Depois de minha reconciliação com Deus, eu me sentia continuamente inflamada pelo Espírito e podendo dar forças aos meus entes queridos. Passei a entender que no mundo espiritual havia muita gente me esperando; eu não precisava ter medo ou sentir-me só. Tanto meu pai como meu padrasto estavam ambos a minha espera. Ainda assim, lembrava-me de que era preciso pôr minha vida em ordem; mesmo que vivesse, devia estar preparada para morrer.

Os médicos decidiram fazer um último exame — uma injeção de ar muito dolorosa no líquido espinhal. Esse exame ajudaria a localizar precisamente o tumor e talvez informar a possibilidade de tratamento por ra-

dições de cobalto. Antes do exame, deram-me uma maravilhosa bênção do sacerdócio, prometendo-me que sairia viva do hospital.

Enquanto me recuperava do exame, o médico procurou minha família estupefato: não havia sinal de tumor. Na verdade havia um espaço anteriormente ocupado pelo tumor, nada mais. Os médicos não tinham explicação para o fato e confessavam-se desconcertados.

Subitamente eu soube o sentido da expressão "começar vida nova". Eu recebera um novo prazo de vida. Afinal, todos estamos aqui pela generosidade de um Pai amante e de acordo com sua sabedoria. Meu "prazo" fora renovado. Saí do hospital depois de dezessete dias, mal podendo andar mas extremamente feliz. Era a resposta às preces de muita gente fiel, maravilhosa, e à bênção e poder do sacerdócio.

Quando fiquei mais forte, minha vida voltou a girar em torno de tarefas mundanas como cozinhar, limpar a casa, lavar roupa e trocar fraldas. Sentia-me também tomada de gratidão e felicidade, e entendendo a necessidade de buscar continuamente o Espírito, ensinar o evangelho aos nossos filhos e procurar orar com mais fervor.

Minha prece constante é que minha vida seja digna da confiança do Senhor. Ninguém sabe quanto tempo viverá. Espero tirar o melhor proveito possível do tempo de que disponho.

ASSUMIR E DEFENDER



Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

Amados irmãos e irmãs, é sempre uma alegria reunir-me com os santos.

A Igreja à qual pertencemos possui agora uma identidade universal representando muitas coisas, inclusive integridade, honestidade e elevado propósito moral. É uma instituição que advoga e segue padrões e moral diferentes dos de hoje.

Como membros individuais da Igreja, nós também temos identidade própria. Cada um de nós representa algo, seja forte ou não, bom ou menos bom.

Gostaria de falar sobre a necessidade e importância de cada membro assumir e defender plena, total e francamente tudo o que a Igreja deve representar em nossa vida.

No Apocalipse há uma grave advertência aos indecisos:

“Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente.

“Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.” (Apoc. 3:15-16.)

Sinto-me induzido, quase que contrariado a contar uma história. Peço escusas por envolver uma experiência pessoal minha, na esperança de que a lição que dela aprendi vos possa ser de algum proveito.

No fatídico ano de 1942, fui convocado para a Força Aérea Americana como soldado raso. Numa noite gelada, fiquei de guarda a noite

inteira no Campo Chanute, em Illinois. Enquanto andava de cá para lá tremendo de frio e ao mesmo tempo tentando manter-me desperto, pus-me a meditar e ponderar. Ao amanhecer, havia chegado a certas firmes conclusões.

Eu era noivo, mas sabia que não poderia sustentar uma esposa com o soldo de cinquenta dólares ao mês. Assim tinha que tornar-me um oficial. Nos dois dias após a miserável noite de vigília, preenchi um requerimento de ingresso na escola de formação de oficiais. Passado algum tempo, fui chamado a apresentar-me em companhia de alguns outros à Junta Examinadora que julgaria minhas qualificações e aptidão. Minhas qualificações eram parcas, mas além de dois anos de faculdade eu terminara uma missão para a Igreja na América do Sul. Tinha vinte e dois anos e boa condição física. Com tão minguadas qualificações, fiquei contente em poder mencionar no requerimento ter sido missionário da Igreja.

As perguntas feitas pelos componentes da Junta Examinadora me surpreenderam. Praticamente todas diziam respeito ao meu serviço missionário e minhas crenças. “Bebe?” “Fuma?” “O que pensa dos que bebem e fumam?” Estas foram fáceis de responder.

“Costuma orar?” “Acha que um oficial deve orar?” O autor destas

“*Não
acredito
em duplo
padrão moral.*”

últimas perguntas era um rígido oficial de carreira. Não parecia do tipo que costuma orar. Refleti: *Será que o ofenderia se respondesse francamente? Ou seria melhor sair pela tangente simplesmente dizendo que orar é um assunto pessoal?* Eu queria muito ser oficial para não ter de ficar de guarda a noite inteira nem trabalhar na cozinha, e mais ainda poder casar-me com minha bem-amada.

Decidi ser franco e disse que costumava orar e que achava que um oficial devia buscar orientação divina como fizeram alguns grandes generais. Acrescentei que o oficial deve estar preparado para dirigir seus comandados em tudo, se necessário, incluindo a oração. Seguiram-se mais perguntas interessantes dos examinadores. “Não é lícito relaxar o código moral em tempos de guerra?” indagou um oficial de patente elevada. “A tensão dos combates não justifica alguém fazer coisas que não faria em situação normal, em casa?”

Eis nova oportunidade de sair pela tangente, mostrar-me liberal e conquistar alguns pontos. Eu sabia perfeitamente que os homens que me interrogavam não viviam segundo os padrões que eu procurava seguir, aprendera e também ensinava. Pensei comigo: *Lá se vai tua esperança de oficialato*. Ocorreu-me rapidamente que talvez pudesse dizer ter minhas próprias convicções sobre moral mas não querer impor meus pontos de vista a terceiros, sem trair minha fé. Então vi relampejar em minha mente o rosto de todas as pessoas às quais eu ensinara a lei da castidade durante a missão. Eu conhecia muito bem o que as escrituras dizem sobre fornicação e adultério.

Não podendo retardar mais minha resposta, respondi simplesmente que não acreditava em duplo padrão moral. Houve mais algumas perguntas provocadoras a respeito de eu viver ou não segundo os preceitos de nossa fé. Saí de lá resignado com o fato de que aqueles oficiais empedernidos certamente não gostaram das minhas respostas e me dariam notas baixas. Dias depois quando as notas foram afixadas, vi surpreso que a minha dizia "95%". Fiquei assombrado. Integrei o primeiro grupo convocado para a escola de preparação de oficiais, e para entrar nela tive de ser promovido a cabo. Formei-me, passei a segundo tenen-

te, casei-me com minha amada e desde então somos felizes.

Essa foi uma das encruzilhadas mais críticas de minha vida, uma das muitas vezes em que tive de assumir minha condição de SUD e como tal ser identificado. Nem todas as vezes em que tive de assumir e defender minhas convicções o resultado foi positivo, mas sempre fui fortalecido em minha fé e ajudaram-me a adaptar-me às outras ocasiões em que o resultado foi diferente. Estas e muitas outras experiências ensinaram-me que embora outras pessoas não compartilhem nossas crenças e talvez até sejam hostis a elas, quem assume e defende suas convicções sempre é respeitado.

Existem ainda os indecisos, os espectadores. Eles chegam a certa convicção íntima, mas por questões sociais, familiares, econômicas ou políticas não conseguem apegar-se à verdade. Festo acusou Paulo de estar "louco" de tanto saber. (Atos 26:24.) Ao que Paulo respondeu:

"Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto.

"Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês.

"E disse Agripa a Paulo (as palavras mais tristes registradas em toda a história sagrada): Por pouco

me queres persuadir a que me faça cristão!” (Atos 26:26-28.)

Por pouco, quase. Que palavra triste esse “quase”! Alguns de nossos bons membros quase guardam a Palavra de Sabedoria, ou por pouco vão à reunião do sacerdócio ou reunião sacramental, ou por pouco realizam a noite familiar. Alguns de nós quase, só quase, pagamos o dízimo.

Desde os tempos do Salvador há os que crêem mas temem as pressões sociais ou ter de assumir publicamente sua crença. João fala dos homens eminentes que temiam o estigma social:

“Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.

“Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.” (João 12:42-43.)

E aos coríntios dizia Paulo:

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.” (I Cor. 15:58.)

Meses atrás, a irmã Faust e eu tivemos o privilégio de ouvir o testemunho da irmã Fay Richardson, esposa do bispo Richard Richardson, da Estaca Nottingham Inglaterra. Passo a citar, com permissão, as palavras da irmã Richardson:

“Aprendi a deixar de ser passiva a respeito de meu testemunho faz muito tempo, durante uma aula de conhecimento religioso na escola. Tinha então quatorze anos. Depois de perguntar a todos qual era nossa religião, o professor quis saber: ‘Quem de vocês sabe que Deus vive?’

“Senti o sangue subir-me ao rosto e pensei: ‘Oh, não, agora vou ter de assumir o que sei.’ Instintivamente eu sabia que ninguém mais levantaria a mão, pois eram sofisticados demais para crer em Deus; mesmo assim ergui a minha relutantemente. Então, sentindo-me um tanto embaraçada e cônica de estar sendo alvo dos olhares de todos, declarei: ‘Bem, suponho que sim.’

“Como desejei não ter dito aquilo! Eu semeara dúvida em lugar de um firme testemunho. Nos anos seguintes sonhei muitas vezes ser capaz de postar-me corajosamente diante daquela classe e prestar firme testemunho do Deus vivo. Por muito tempo desejei ardentemente poder reviver a experiência e dizer o quanto eu amava meu Pai Celeste. Felizmente, aprendi uma lição e nunca mais voltei a dizer ‘suponho’ com relação ao evangelho.”

E a irmã Richardson prosseguiu: “Faz algum tempo, o filme *Os Mórmons, Fatos e Fantasia* estava sendo apresentado na biblioteca pública de

*Aprendi
“que embora outras
pessoas não
compartilhem nossas
crenças . . .
quem assume e defende
suas convicções
sempre é respeitado”.*

Nottingham. Meu marido ia para lá diretamente do trabalho e decidi ir também. Fui de ônibus com nossos três filhos.

“Uma meia hora antes do início da sessão, ouviu-se uma voz pedindo voluntários para distribuir folhetos na rua e convidar os transeuntes a assistirem ao filme. Pensei: ‘É justamente o que eu deveria estar fazendo. É para isso que vim.’ Então uma vizinha interior rebateu: ‘Na verdade você não quer ir, não é? Você tem medo de falar com todos esses estranhos.’ Pensei: ‘É isso mesmo, estou com medo!’

“Assim fiquei ali parada lutando comigo mesma. Baixando os olhos, vi três pares de olhinhos fitando os meus. Pertenciam a três tiquinhos de gente muito importantes para mim. Pensei: ‘Que espécie de mãe serei se não mostro minha fé a eles com minhas obras?’ Passamos uma porção de tempo ensinando o evangelho a nossos filhos e eu sa-

bia que estragaria uma porção do que aprenderam se não praticasse o que ensino. Eu sabia o que fazer.

“Apanhamos alguns folhetos. Nossa filhinha maior assumiu o papel de cartaz ambulante e lá fomos nós para a rua. Não sei se de fato as pessoas que convidamos vieram assistir ao filme, mas estava satisfeita de estarmos fazendo a nossa parte e de ter oportunidade de mostrar aos nossos pequenos que compartilhar o evangelho não é apenas falar a respeito na noite familiar.”

Uma das maneiras de os santos assumirem e defenderem sua convicção é pagar o dízimo e ofertas, no que são abençoados. Eles aprendem a administrar e orçamentar suas finanças. Tornam-se melhores mordomos de seu dinheiro. Sua fé aumenta.

Tive uma das maiores surpresas de minha vida quando, ao ser chamado como bispo, tive acesso aos registros de dízimo de minha ala. Eu havia-me criado nessa ala. Muitos de seus membros haviam sido meus professores; todos eram meus amigos. Fora ensinado por eles; eram meus heróis. Eu os amava e também me sentia amado por eles. Foi um choque terrível ver muitos que na reunião de jejum costumavam testificar sua forte e contínua fé em Deus, falharem no pagamento do dízimo.

Muitos de nós tropeçamos, recaímos em erros passados, mas creio firmemente no evangelho da segunda oportunidade. Entretanto, este evangelho da segunda oportunidade significa que tendo falhado uma vez, como quando Pedro negou conhecer o Salvador, em seguida nos tornamos firmes, constantes como os poucos lamanitas mencionados em 3 Néfi, “permanecendo firmes, inquebrantáveis e desejosos de guardar com todo empenho os mandamentos do Senhor”. (3 Néfi 6:14.)

Não podemos ocultar quem somos, por mais que tentemos. Nós somos transparentes. Quando tentamos enganar, estamos enganando apenas a nós próprios. Somos como o rei induzido a pensar que estava envergando belas roupagens quando na verdade estava nu.

Os que ficam firmes, constantes e inquebrantáveis recebem grande poder interior e forças incríveis. São dotados de pleno e potente vigor espiritual.

Gostaria de concluir atestando a mais profunda convicção de minh'alma a respeito da veracidade da obra sagrada em que estamos engajados. O cabeça desta Igreja é nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele guia e dirige a obra por intermédio do Presidente Spencer W. Kimball o qual, por sua vez, dirige os trabalhos do reino na terra.

Esta é a Igreja do Senhor; sua obra e glória estão sendo levadas a muitas terras do mundo sob sua direção.

Testifico da divindade dessa obra sagrada em nome de Jesus Cristo. Amém. (Discurso proferido na Conferência de Área do Canadá, em 25 de agosto de 1979.)

Conversemos a Respeito.

Após terem lido “Assumir e Defender” individualmente ou em família, poderiam discutir alguns dos pontos a seguir durante uma hora de estudo do evangelho:

1. Este artigo trata da advertência do Senhor àqueles que se mostram “mornos” na fé. Como a gente pode “aumentar” seu testemunho?
2. A obediência à Palavra de Sabedoria e ao código moral é debatida como possível prova de nossa fé. Que outros ensinamentos nos dão oportunidade de manifestar e expressar desejo de seguir o Senhor e não os ensinamentos do mundo?
3. A pessoa precisa acompanhar a maioria para ter sucesso? Para ser feliz?
4. Como devemos reagir quando nos evitam por sermos fiéis aos ensinamentos do Senhor? Como o Senhor recompensa nossa fidelidade à verdade?

MINHA TRANSFERÊNCIA PARA O ENTENDIMENTO

Paul James Toscano

Jamais me esquecerei daquele dia em que recebi a última transferência na missão. Eu sabia que estava para vir. O presidente deixara transparecer que haveria mudanças na liderança da missão e

eu imaginava que passaria os últimos seis meses de missão servindo como líder de zona, o que me deixava transbordante de animação.

Quando recebi a carta de transferência, atralhei-me na pressa de

Fotografia de Michael M. McConkie.



abrir o envelope. Passei rapidamente os olhos pela folha em busca dos pormenores de minha nova designação. Para meu desapontamento, porém, não encontrei o que procurava. Senti-me tomado de pânico, o estômago contraindo-se de dor. Voltei a ler a carta, desta vez minuciosamente. Nada mudou, entretanto eu devia terminar a missão como companheiro sênior em Gênova, pequena localidade da Itália setentrional às margens do Mar Tirreno. Isso, e nada mais.

Tentei a todo custo ocultar meu desapontamento de meu companheiro, mas sabia que ele havia percebido meu transtorno. Lá fora, o sol da primavera filtrava-se pelas nuvens brunindo as calçadas e ruas pavimentadas com pedras arredondadas de Florença, Itália. Potes de flores multicores enfeitavam as janelas dos prédios cor de terra.

Nossos passos ecoavam rápidos pelas ruelas enquanto nos dirigíamos silenciosos para o Mercado do Porco, assim denominado pelo grande porco de bronze que guarda uma de suas muitas entradas. O mercado estava repleto de mulheres examinando hortaliças frescas e succulentas frutas maduras. Dos portais pendiam queijos e feiras de lingüi-

ça, perfumando o ar com seu odor pungente. Havia barracas enfeitadas com festões de carretéis de linha e fitas, além de peças de tecido multicolorido — linhos rústicos; damascos ricamente decorados; lãs quentes e macias; finas rendas; e couros macios, aveludados com seu odor característico. Mesas e prateleiras apresentavam-se atulhadas de tapeçarias, pinturas, estatuetas de mármore e delicados enfeites de vidro veneziano; tudo isso envolto no vazerio sonoro de compradores regateando e na azáfama de vendedores movendo-se ágeis entre suas mercadorias.

Fugindo da multidão, fomos para junto da velha ponte que transpõe as águas barrentas do Rio Arno. Ali falei de minha transferência ao meu companheiro — de minha mágoa por não ter recebido o esperado cargo de liderança, depois de dar o melhor de mim como companheiro sênior e líder de distrito, como trabalhara longas horas, às vezes chegando à beira da exaustão como historiador e registrador no escritório da missão. Contei-lhe do meu empenho em ser um bom missionário e meu amargo desapontamento agora, nos últimos meses de missão, por não haver sido chamado como líder

de zona mas designado a trabalhar como simples companheiro sênior.

Quando terminei meu desabafo, ficamos calados por algum tempo. Finalmente meu companheiro me disse exatamente o que eu não queria ouvir, palavras que dissera a mim mesmo muitas vezes: — Não importa onde servimos, mas como.

Eu estava prestes a chorar. Sabia que ele tinha razão. Era uma coisa que aprendera a vida toda na Igreja, e na qual acreditava de todo coração. Ainda assim, não conseguia livrar-me do desejo de ser líder na missão. Gostaria de poder arrancar esse desejo de dentro de mim, mas não conseguia. Tentara livrar-me dele orando, tentara fingir que não estava lá. Lutei contra ele. Mas ele não arredava pé e não havia mais meios de enganar-me. Eu tinha de enfrentá-lo: eu estivera fazendo as coisas certas pelas razões erradas.

Naquele momento estive mais perto do desespero que nunca antes. Sentia-me indigno, desprezível, cheio de motivos e desejos impuros. Minha vida parecia-me pura mentira. Eu não queria mais existir.

Ali, sobre aquela ponte de pedra, devo ter clamado ao Senhor numa de minhas mais sinceras preces: Por que? Por que não conseguia satis-

fazer-me com o que tinha? Por que esse anseio intenso de ser líder? O que havia de errado comigo? Por que esse desejo insensato me vinha corroendo durante toda a missão? Qual era minha real intenção? O que me faria realmente feliz? Ó, Senhor, o que estava errado comigo? O que desejo? O que devo fazer? Como encontrarei paz?

Foi naqueles momentos mais negros, quando já não conseguia suportar minha própria amargura, que repentinamente me senti iluminado como que por um fecho de luz num quarto escuro. Era como se uma voz me falasse — não a voz do meu próprio íntimo, mas de um outro ser muito superior. Era como se alguém me dissesse: “Seu verdadeiro desejo é um sinal de ser aceito por Jesus Cristo. Um chamado na Igreja não é esse sinal; o verdadeiro sinal é o Espírito Santo.”

Por um instante só consegui pensar no nome do Salvador do mundo. Seu nome tomara-me por inteiro como se nada mais existisse ou importasse. E naqueles breves instantes fiquei cheio de indescritível alegria e alívio.

Então comecei entender a verdade — o que eu mais queria era saber que sou digno, que agrado ao

Salvador, que conquistara seu amor e confiança. E aguardava o chamado de líder como sinal de meu merecimento, um sinal de aceitação da parte do presidente da missão, da Igreja e, sobretudo, do Senhor. Esquecera-me, porém, de que um posto de liderança não significa que o Senhor aceitou alguém; o verdadeiro sinal da sua aprovação é o Espírito Santo — o poder, os frutos e os dons do Espírito.

Sem o discernimento recebido na velha ponte de Florença, suponho que continuaria buscando cargos cada vez mais importantes, tornando-me mais e mais desiludido e insatisfeito. É estranho, mas na verdade parece que nunca conseguimos satisfazer-nos com o que realmente não queremos, por não querermos ser satisfeitos. Nenhum substituto consegue satisfazer o verdadeiro desejo.

Em meu caso, eu achava que um chamado da Igreja poderia substituir o Espírito, o amor e a aprovação de Jesus Cristo. Mas nos anos que se passaram desde aquela última transferência, aprendi que nenhum chamado, nenhum bem material, nenhum galardão acadêmico, nem riqueza, prestígio ou feito desportivo, nada nesta terra pode subs-

tituir Cristo ou o conhecimento de que lhe somos aceitáveis. Esse conhecimento é o maior dos consoladores.

Lá na velha ponte de pedra, aprendi que o Senhor pode tirar-nos esperanças e sonhos, mesmo nossa vida ou entes queridos; pode tirar-nos nosso tempo, talentos, posses, coração, poder, mente e força, não por querê-los ou precisar deles, mas para certificar-se de que nenhuma dessas coisas se torne mais importante do que ele; ele quer ter certeza de que nenhuma delas se transforme num tolo ídolo ou falso deus que adoramos em lugar do Deus verdadeiro.

De uma coisa tenho certeza — sei pelo poder do Espírito Santo, um poder mais confiável que todos os meus sentidos, que Jesus de Nazaré, o que foi crucificado e ressuscitou, vive. Sei que ele voltará à terra. E quando o fizer, “a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis”; e todos aqueles que o tiverem amado vê-lo-ão em sua glória e serão arrebatados ao seu encontro nas nuvens.

Nesse dia todos saberemos, de uma forma que não podemos saber agora, que não existe nem poderá jamais existir um substituto para Jesus Cristo, nosso Senhor.

Sou de uma pequena cidade do leste da Colômbia. Foi lá que conheci a Igreja e fui batizado; foi igualmente lá que me nasceu o desejo de cumprir missão. Eu fui o único da família que aceitou o evangelho.

Lembro-me de que quase todas as noites eu saía com os missionários, a fim de ajudá-los e também para adquirir experiência. Quando me

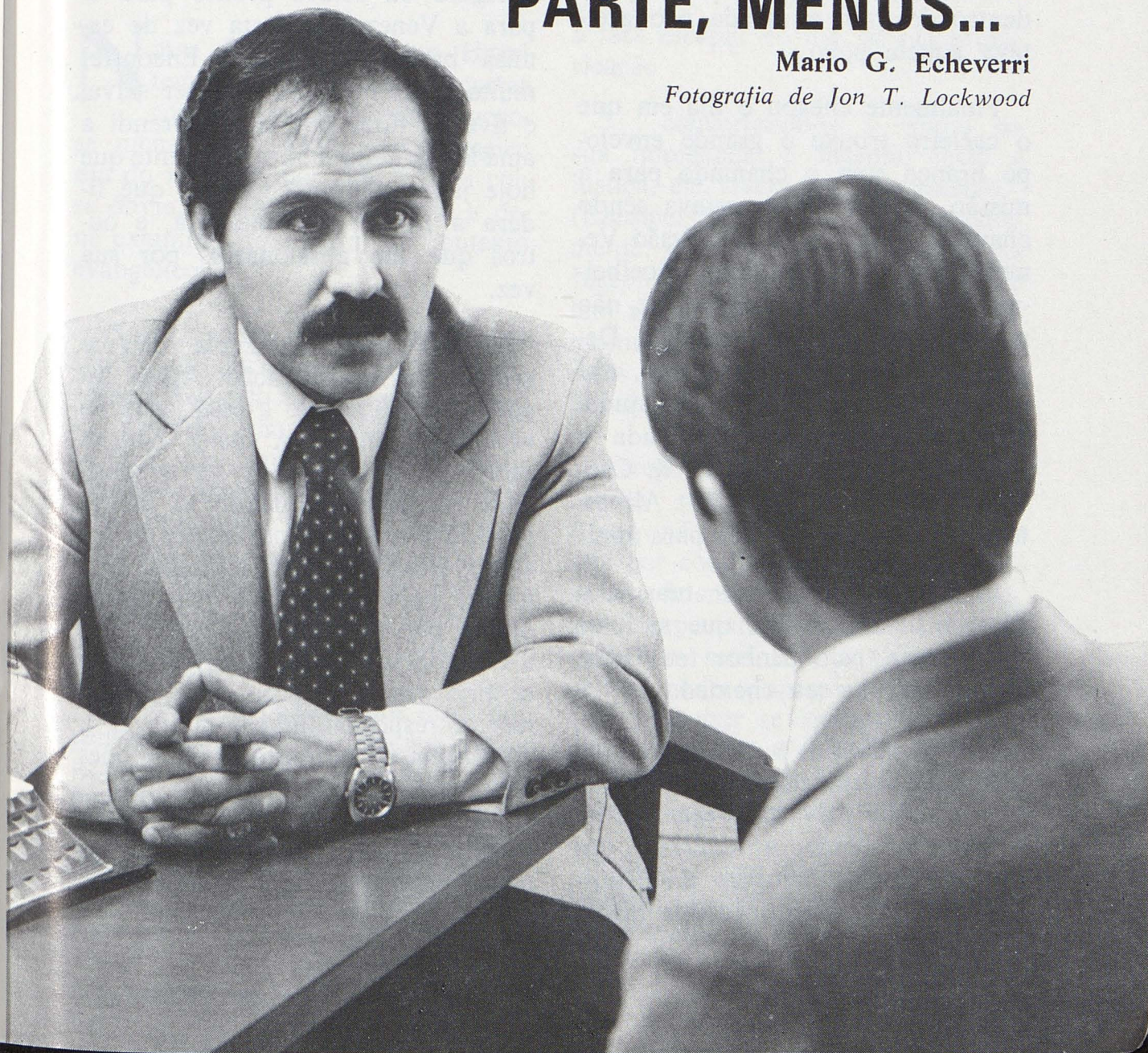
perguntavam onde gostaria de cumprir missão, eu respondia: “Em qualquer parte, menos na Venezuela.” Eu dizia isso porque na época havia grande tensão entre meu país e a Venezuela, e assim não apreciava muito os venezuelanos.

O tempo passou e, finalmente, tive uma entrevista com o presidente da missão. Uma de suas perguntas

“EM QUALQUER PARTE, MENOS...”

Mario G. Echeverri

Fotografia de Jon T. Lockwood



foi: — “Irmão, está disposto a ir para onde for chamado pelo Senhor?”

Respondi sem hesitação: — “Sim, presidente.”

Inclinando-se para mim e fitando-me nos olhos, quis saber:

— “E se o Senhor o chamar para a Venezuela?”

Percebi que o presidente lia meus pensamentos. Depois de um momento de reflexão fui capaz de responder-lhe que eu iria para onde o Senhor me mandasse, mas bem lá dentro de mim eu ainda não aceitava aquele povo.

Finalmente chegou o dia em que o carteiro trouxe o grande envelope branco com o chamado para a missão. Abri-o — eu estava sendo chamado para servir na Missão Venezuelana. Naquela noite ajoelhei-me e implorei ao Senhor que não me mandasse para a Venezuela. Depois de orar por algum tempo, disse-lhe que precisava de sua ajuda. Levantei-me, acendi a lâmpada e pus-me a folhear Doutrina & Convênios. Parei na seção 53. Ali estava a resposta do Senhor para mim:

“Eis que... ouvi as tuas orações; e tu me pediste que te fosse dado saber, pelo Senhor teu Deus, concernente ao teu chamado...”

“Toma sobre ti a minha ordenação, a de um élder, para, de acordo com a minha palavra, pregares a fé, o arrependimento, a remissão dos pecados e o recebimento do Espírito Santo pela imposição das mãos;

“E também para seres um agente para esta Igreja no lugar que for designado pelo bispo...”

“E novamente, eu quisera que aprendesses que somente é salvo aquele que resiste até o fim.” (D&C 53:1, 3-4, 7.)

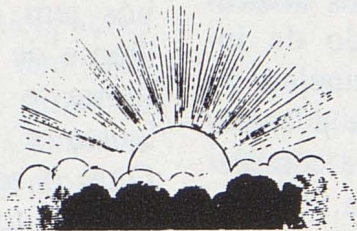
Fechei o livro; voltei a ajoelhar-me, desta vez em espírito de humildade. As lágrimas queimavam-me as faces e pedi perdão ao Senhor em minha prece, por querer ditar-lhe minha vontade.

Agora eu estava pronto para ir para a Venezuela, desta vez de camisa branca e gravata. Encontrei muita gente que precisava ser salva, e tive de lutar por eles. Aprendi a amá-los de todo o coração, gente que hoje já passou pelo templo, que lidera a Igreja na Venezuela, e outros que são missionários por sua vez.

O povo da Venezuela deu-me muito amor e satisfação. Agora sei por que fui enviado a essa parte da vinha do Senhor. A maior bênção recebi pouco depois de ser desobrigado da missão, quando vi minha própria mãe entrar nas águas do batismo. Conheço agora a alegria prometida pelo Senhor aos que trazem outros para o reino. Sei que esta é a obra de Jesus Cristo porque tenho sentido sua orientação. Sei que temos a responsabilidade de levar a mensagem da restauração a milhões de pessoas que esperam por ela. E sei que a melhor maneira de fazê-lo é cumprir uma missão de tempo integral onde quer que o Senhor nos mande.

HOJE

Élder Derek A. Cuthbert
do Primeiro Quorum dos Setenta



Nossa filha adolescente Hazel tem em seu quarto um cartaz com a simples porém vigorosa mensagem: “Hoje é o primeiro dia do resto de sua vida.” Uma coisa óbvia, talvez, mas que vale a pena examinar e ponderar no contexto evangélico.

Hoje é como que um divisor de águas, um decisivo ponto divisório entre o passado e o futuro. Se nosso passado não condisse com o Senhor, não será lembrado se nos tivermos arrependido e modificado hoje. Por outro lado, se nosso passado foi repleto de boas obras — serviço eclesiástico, serviço de solidariedade, missão — de nada nos valerá se hoje não somos fiéis a ele.

É como nos conduzimos hoje, em pensamento, palavra, ação e intento, que determina de que lado estamos. O Senhor vem ressaltando esse ponto continuamente, tanto através dos profetas antigos como modernos. Por intermédio de Ezequiel dizia ele: “A justiça do justo não

o fará escapar no dia da sua prevaricação...

“...convertendo-se o ímpio da sua impiedade, e fazendo juízo e justiça, ele viverá por isto mesmo.” (Ezequiel 33:12, 19.) Mais recentemente, prometeu através do Profeta Joseph Smith: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.)

Arrependimento, mudança e conversão precisam acontecer hoje. Acaso não somos todos pecadores seja por comissão ou omissão? Acaso não ficamos todos aquém da elevada expectativa do Pai Celestial para com seus filhos? Que grande bênção poder começar de novo, sem que o Senhor se lembre do passado. O Apóstolo Paulo deu um maravilhoso conselho aos santos efésios nesse sentido:

“Que... vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano;

“E vos renoveis no espírito do vosso sentido;

“E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.” (Efésios 4:22-24.)

Antes de ser chamado presidente de missão em 1975, eu me dedicava ao movimentado mundo da indústria e comércio. As janelas de meu escritório davam para a entrada principal de um enorme complexo industrial na Inglaterra. Muitas vezes observava trens inteiros carregados de óleo e filas de caminhões com celulose bruta chegando à fábrica. Passado algum tempo, via caminhões carregados de belos tecidos e úteis utensílios plásticos partindo a caminho de armazéns, lojas e lares. Houvera o milagre da conversão — a matéria bruta fora convertida e transformada em lindos produtos.

Assim deveria ser com cada um de nós, pois dispomos de preciosas matérias-primas. Cérebro e espírito, energia e talento, espaço e tempo estão ao nosso dispor. Nosso Pai benevolente não no-los deu para que os enterremos, mas que os aprimoremos e multipliquemos cinco, dez vezes. Qual será o produto de nossa vida? Possivelmente nosso processo pessoal de conversão tenha sido ineficiente no passado. Torne-mo-lo mais eficiente e produtivo hoje, com menor desperdício de tempo e energia, e melhor emprego de talento, inteligência e esforço.

Toda vez que contemplo as impressionantes Cataratas do Niágara,

maravilha-me a imensa energia potencial, à espera de aproveitamento, dos cento e trinta e dois milhões de litros de água despencando da altura de sessenta metros. Desde que utilizados, esses cinco milhões de cavalos-vapor potenciais beneficiarão a vida de muitas pessoas com luz e energia elétrica. Cada um de nós tem dentro de si poder semelhante de abençoar e esclarecer, melhorar e progredir, desenvolver talentos e produzir uma bela vida. Qual o segredo? A conversão, mudança, tornar-se melhor, superar, começar de-novo, alongar nosso passo, fazer do hoje um dia melhor que ontem. Tudo isso é essencial para nosso progresso eterno; mesmo assim, muitos tendem a certa apatia ou letargia com respeito ao progresso espiritual ou aquisição de atributos cristãos. Mesmo quando estabelecemos uma meta pessoal referente a determinado atributo, agimos como se dispuséssemos de todo o tempo no mundo para alcançá-la.

Temos de acrescentar o senso de urgência, a atitude de fazê-lo já, certa ênfase no hoje. No transcorrer dos anos, particularmente quando servia como missionário na Escócia, tenho perguntado a muita gente: “Se hoje fosse o último dia de sua vida, o que faria?” Seria bom considerarmos esta pergunta, não importa se estamos pesquisando a Igreja ou somos membros há muito tempo. Ela nos levaria a indagar a nós mesmos: “O que eu deveria estar fazendo? O que o Pai Celeste espera de mim? O que será mais importante para mim?” Como é importante estabelecer prioridades na

vida: "Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; . . .

"...depois... virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado." (Alma 34:32-33.) O tempo está-se esgotando.

Uma das grandes preocupações das últimas duas décadas tem sido a conservação, o emprego sábio de nossos recursos naturais. Conservação de nossa escassa matéria-prima, o tempo, será um dos grandes proventos de estabelecermos prioridades nas coisas que temos de fazer. Convém anotar no começo de cada dia dez coisas que devemos fazer nesse dia. Isto, além do empenho em ser pontual e confiável, ajudar-nos-á a desperdiçar menos tempo e eliminar muitas frustrações.

Durante minha primeira visita a uma conferência geral como recém-chamado presidente de estaca, dezoito anos atrás, aprendi uma valiosa lição quanto à pontualidade. Eu queria visitar todos os departamentos da Igreja, que na época estavam espalhados pela Cidade do Lago Salgado. Sobretudo, desejava muito encontrar-me com o Presidente David O. McKay. Indaguei se haveria possibilidade de vê-lo nem que fosse por alguns minutos e fiquei exultante ao me informarem que voltasse às 13h30. Meu coração cantava de júbilo enquanto fazia outras visitas durante a manhã e o tempo passou quase sem eu perceber.

Quando olhei o relógio, fiquei horrorizado ao ver que estava quase

na hora da entrevista. Fui correndo para o Edifício de Escritórios da Igreja, chegando lá esbaforido e vermelho. Imaginem minha situação quando me disseram: "Estando um minuto atrasado pode ter perdido sua grande oportunidade." Embora fosse admitido à presença do Presidente McKay, aquelas palavras continuam soando em meus ouvidos.

Às vezes visualizo mentalmente um relógio de igreja em Nottingham, Inglaterra, que ostenta a inscrição: "Tempo de buscar o Senhor." A criança olha para o relógio na esperança de que seus ponteiros nunca indiquem a hora de dormir. O jovem muitas vezes sai pensando viver horas agradáveis e descobre que são desagradáveis. Os ponteiros do relógio não o preocupam, pois há tempo de sobra, ou pelo menos julga haver. A pessoa mais idosa, já no ocaso da vida, espera ainda ter tempo para fazer as coisas que não fez. Na realidade, todos estamos vivendo o ocaso desta vida, pois a vinda do Senhor está às portas.

Sim, hoje é o primeiro dia do resto de sua vida; e se fosse o último, o que fariam?

"Hoje, enquanto brilha o sol,
trabalha com vontade;

Hoje teus deveres cumpre todos
com paciência; . . .

Hoje, hoje, trabalha enquanto
podes;

Amanhã não existe, apenas
hoje."

(Tradução livre e direta do inglês,
Hymns n.º 215.)

